

INTRODUÇÃO

Gênero, Família e Fases do Ciclo de Vida

Alda Britto da Motta*

Famílias são, no âmago da análise, a articulação de relações de gênero e de gerações que se tecem e se realizam em um tempo social e histórico, para uma vida em comum e um fim, ou um esperado acontecer, da reprodução – biológica e social.

Família é, também, a configuração mais diretamente percebida e analisável da dinâmica dessas relações, com uma história que em grande parte pode ser contada no *tom* que estas ensejam, no realizar das prescrições sociais para os sexos/gêneros e grupos de idade na organização da sociedade.

As famílias contemporâneas vêm transformando, fortemente, e em variados aspectos, os seus modos de vida – embora, ao mesmo tempo, mantendo certo substrato básico dessa organização original. Transformando-se, porque as relações entre os gêneros e as gerações estão-se realizando em novas formas e segundo outros códigos. Casamento, criação de filhos, separações, exercício da sexualidade, chefias, composição do orçamento doméstico, solidariedades e responsabilidades intergeracionais, quase nada está sendo o mesmo.

Importante torna-se a oportunidade de traçar uma panorâmica sobre algumas dessas formas recentes, referenciadas aos ciclos de vida co-

* Professora Adjunto IV do Departamento de Sociologia e Pesquisadora do NEIM/UFBa., Doutora em Educação.

mo exatamente desenhados em torno das idades/gerações e da condição de gênero, na participação ou exclusão do mundo do trabalho, em seu complexo entrelace na estruturação da vida familiar. Para isso, temos 5 trabalhos, 4 brasileiros/nordestinos e 1 francês. Sua confluência analítica é forte.

Os enfoques de gênero atingiram, já há algum tempo, o marco da legitimidade científica e social – ainda que bem depois daqueles estudos circunscritos à **família** –, embora a discussão feminista sobre o assunto tenha se constituído como particularmente esclarecedora quanto à divisão sexual de papéis e tarefas na própria família, inclusive quanto à relação com o Estado. Os trabalhos sobre as idades e gerações e sua articulação direta e cotidiana na vida das famílias e da comunidade, entretanto, continuam bem menos numerosos, apesar de serem as idades um elemento básico na organização social e, recentemente, de repercussão imediata na discussão e implementação de estatutos e políticas públicas no mundo.

Mais escassos ainda são os estudos que se centram na visão conjunta das relações de gênero e de gerações. E, no entanto, estas se realizam em entrelace, segundo uma moldagem interna aos grupos e instituições, ao mesmo tempo estruturantes e estruturadas pela sociedade inclusiva. *A sexuação das idades é um construto social [...] um indicador da hierarquia masculino/feminino, inclusive no mercado de trabalho* (LANGEVIN). São diferenciais os ritmos de trabalho de homens e de mulheres, exatamente de acordo com a idade (curso de vida) e o ciclo de vida da família. Também as remunerações do trabalho, principalmente, na velhice (LANGEVIN).

Nesse dúplice dinamismo social têm-se transformado as famílias, não apenas quanto aos numerosos aspectos referidos, mas também na sua realização no tempo, “natural” e social. Por isso, os ciclos de vida vêm adquirindo outras configurações, inclusive na expressão analítica. Perdem o tradicional aspecto regular e determinante de “eterno retorno”, ou destino bio-social; alongam-se em trajetórias, como curso de vida (GIDDENS, 1992), ou fracionam-se em novas fases, com correspondentes novos significados. Inventam-se etapas e novas idades. O capitalismo

é pródigo nessas criações: individualiza e faz aparecer, ao longo dos dois últimos séculos, as antes socialmente indistintas **infância** e **adolescência** (ARIÈS, 1978). Mais recentemente, cria a **meia idade** e a eufemística **terceira idade** (para não se falar em velhice...) e, para acudi-la em sua insuficiência expressiva, recorre a uma inevitável **quarta idade** (LENOIR, 1978; BRITTO DA MOTTA, 1997b; PEIXOTO, 1998).

No atual processo de transição demográfica e social, crescendo a população idosa e aumentando a sua longevidade, o **ancião** em seu solene significado social original desaparece, transmudando-se no **homem de certa idade** (ARIÈS, 1978), que reencarna-se, agora, de forma desbotada, nessa **quarta idade**.

A família exhibe novas formas, de acordo com o ritmo das mudanças. Persiste como nuclear, pelo menos como modelo ideal, fixado nas representações e expectativas (BRITTO DA MOTTA, 1997a), mas ao mesmo tempo amplia-se, tanto na realização de formas novas e imperativas de apoio e solidariedade entre as gerações (CABRAL; BRITTO DA MOTTA) como em função da coexistência de um número maior de gerações (LANGEVIN, 1987, 1997; GOLDANI, 1993; BILAC, 1991), como, ainda, na realização ou tentativa de novas relações de parentesco, várias ainda sem sequer designação própria – o filho do casamento anterior do(a) companheiro(a), a “madrasta” ou o “padrasto” de quem tem os pais vivos, a avó do meio-irmão...

Composições recentes, que guardam diferenciais de classe, mas que se aproximam formalmente enquanto tipos de famílias ampliadas. Como sobretudo o são os grupos familiares à maneira mais tradicional, agora realizando, mais que antes, um movimento ora de dispersão, ora de concentração das gerações em diferentes fases do ciclo de vida dos indivíduos e do grupo doméstico (BILAC, 1991; GOLDANI, 1993) e das condições político-econômicas do País, que levam a essa reinvenção de ciclos ou fases da vida familiar (e não só à criação/percepção de novas idades), cujo exemplo maior é o retorno, ou reaproximação espacial, vicinal, de filhos casados, desempregados ou precariamente empregados,

com companheiras(os) e filhos, para a casa dos **velhos**. Ou, principalmente, das velhas, pois nada incomumente, trata-se de idosos, mesmo (BRITTO DA MOTTA, 1997a, 1999; CABRAL, 1997; SARDENBERG, 1997).

O tempo das populações e das famílias vai-se medindo em idades e as prescrições sociais e expectativas vão-se dando em torno destas. O ciclo de vida desenha-se também com a(s) idade(s), as trajetórias se medem com elas, que também pavimentam o curso da vida, sob a forma de gerações.

Com o aumento da longevidade da população como tendência atual e quase universal, o tema da família alcança, inescapavelmente, a questão do envelhecimento e do papel social/familiar dos mais velhos, além do capítulo especial das políticas públicas. Não se torna coincidência, então, que 4 dos 5 trabalhos aqui apresentados toquem ou direcionem-se precisamente a essa temática.

SARDENBERG acompanha as interseções das etapas do ciclo de vida das pessoas na família com o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, particularmente expressas na rede de ajuda mútua entre mulheres das classes populares de Salvador – um *ciclo transgeracional de ajuda mútua entre mães e filhas* – relações ao mesmo tempo materializadas e simbolizadas pelo uso e posse da casa.

Trata-se de um padrão de convivência e trabalho que não é recente entre os pobres em Salvador, mas sim o seu estudo e registro. É, também, um recurso que tende agora a se intensificar, com a dificuldade e precariedade de empregos. Como certamente tenderão a intensificar-se igualmente os conflitos, que nunca deixaram de existir.

Tensões também registradas por CABRAL, BRITTO DA MOTTA e GUIMARÃES.

CABRAL acentua, com GUILLEMARD (1986), como *a discussão sobre a longevidade extrapola a família e a vida privada, tornando-se, cada vez mais, uma questão pública*. Confluindo para um outro aspecto de questão levantada por GOLDANI (1999, p. 14), e ainda pouco discutido:

No quadro de diminuição dos recursos do Estado e da desmontagem do sistema de proteções e garantias vinculadas ao emprego, as famílias têm sido [...] fator fundamental de suporte, bem-estar e qualidade de vida dos seus membros e, como tal, passam a ser foco e destinatárias de políticas.

Acrescentando, ainda, GOLDANI, que na atual conjuntura, *as famílias são chamadas a assumir, de forma mais ampla, seu papel de proteção social*, o que vai corresponder aos resultados das pesquisas de SARDENBERG, CABRAL e BRITTO DA MOTTA. Atenta à coincidência entre ciclos de vida das famílias e suas categorizações heurísticas, CABRAL aplica uma dessas classificações desenvolvidas por PRATA *et al.* (1993), à sua pesquisa de dados censitários na Paraíba, onde vai encontrar *um elevado percentual de famílias idosas*.

Em meio ao registro das tensões familiares, destaca, entretanto, uma autoridade dos mais velhos de camadas populares, *mesmo na presença de filhos adultos e casados*.

Enquanto os seus recursos, ainda que parcos, provenientes de aposentadorias e pensões, além da propriedade da casa, lhes dão uma particular condição de provedores..., numa *relação inversa de cuidados*.

É exatamente o quadro encontrado em Salvador. BRITTO DA MOTTA analisa o lugar social da família do idoso e encontra-a – guardados alguns diferenciais de classe – empenhada, ainda, nessa reprodução cotidiana da vida, apoiando ou sustentando muitos dos mais jovens.

Vivendo, também, as situações novas, com avós “jovens”, bisavós presentes, cumplicidades e solidariedades intergeracionais, como famílias ampliadas abrigando o movimento das gerações mais jovens. Reinventando ciclos, alongando suas vidas e com filhos de várias idades retornando ou reaproximando-se espacialmente. Um fenômeno não exclusivo dos mais pobres.

Com numerosas mulheres, muito mais que homens; elas assumindo, crescentemente, a chefia da família; ou vivendo sós, porém mantendo uma rede de relações, o que não configura, necessariamente, solidão. Vivendo, também, novas relações fora do âmbito e influência da família,

em grupos, sociabilidades intrageracionais que, ao mesmo tempo, pelo bem-estar que produzem, refluem positivamente sobre a família.

GUIMARÃES pesquisa as condições possíveis de ajuda mútua e sociabilidade dos pobres urbanos e apresenta famílias entre o espaço privado e o público, como participantes, basicamente através dos filhos menores, de redes sociais mais amplas.

Famílias *em um ciclo de vida considerado de maturidade*, estudadas no espaço de moradia, vivendo uma situação de pobreza que mudou/cresceu, com as políticas de reajuste estrutural. Ao mesmo tempo – como nos estudos anteriores – *o crescente empobrecimento continua a requerer que ela opere como unidade de rendimentos e de consumo, [...] como fator de proteção contra a miséria...* O que se dá com muita dificuldade.

Os recursos agora podem provir também *de transferências formais de instituições reconhecidas para este fim*, do Estado, via políticas públicas, *na intermediação dessas outras instituições nas tradicionais funções da família...* . É o caso das famílias analisadas, identificadas através do arquivo de uma Fundação vinculada à Prefeitura de Salvador, que atua com crianças e adolescentes *que sobrevivem de atividades de rua* e visa a co-participação das famílias nesse trabalho.

A pesquisa registra mudanças no cenário dos bairros pobres nos anos 90, com relações de vizinhança mais distanciadas, embora em geral estas não falhem em momentos mais graves, além do crescimento da violência, preocupação generalizada principalmente em relação ao futuro dos filhos. Ao mesmo tempo, trata-se de um grupo que faz parte da clientela de uma instituição e, portanto, participa de uma rede mais formal de relações.

Por fim, a sugestão de uma *história social das idades* (LANGEVIN) enfatiza a importância do tema/categoria que perpassa todos os trabalhos e propostas. *As representações sociais [...] das etapas da duração humana, ao tempo em que organizam, a cada momento, uma visão simbólica do futuro, propõem enquadramentos sócio-econômicos e éticos dos comportamentos.* São normativos, por isso

mesmo, o envelhecimento, o percurso mais longo da vida, torna-se *uma construção feita de passagens obrigatórias*.

Ao mesmo tempo, os fatores sociais que estão produzindo a longevidade, também estão contribuindo para essa grande mudança dos modos de vida. E não apenas pela significativa presença simultânea de várias gerações, mas também pelo fato inédito de que o *envelhecimento* venha se transformando em uma experiência coletiva (LANGEVIN, BRITTO DA MOTTA, 1998) e muito mais dinâmica.

As prescrições em relação a todas as idades estão mudando, mas este tempo é transicional e a força da mudança ainda não abalou suficientemente a *sexuação das idades* (LANGEVIN) e da vida social e por isso o mercado de trabalho permanece masculino e jovem. Este percurso é traçado por LANGEVIN com o exemplo francês. Encontrando, ao final dele, as mulheres sozinhas que, entretanto, assumem a ajuda às gerações mais novas – como no caso brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRÈS, Philippe
1978 **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BILAC, Elizabete Dória
1991 Convergência e divergências nas estruturas familiares no Brasil. In: **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: ANPOCS.
- BRITTO DA MOTTA, Alda
1999 **Não tá morto quem peleia**: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.
- BRITTO DA MOTTA, Alda
1977a Notas para pensar a família do idoso. In: ENCONTRO NORTE/NORDESTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8. Fortaleza.
- BRITTO DA MOTTA, Alda
1997b Palavras e convivência – idosos, hoje. **Estudos Feministas**. Dossiê gênero e velhice. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1.
- CABRAL, Benedita E. S. Lima
1997 Solidariedade geracional, uma experiência dos grupos de convivência de idosos. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NORTE/NORDESTE, 8, Fortaleza.

- GIDDENS, Anthony
1922 **Modernity and self-identity**. Cambridge: Polity Press.
- GOLDANI, Ana Maria
1999 Arranjos familiares no Brasil dos anos 90: proteção e vulnerabilidade. In: CAMARANO, Ana Amélia (ed). **Como vai? população brasileira**, IPEA.
- GOLDANI, Ana Maria
1993 As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Caderno Pagu**, São Paulo, n. 1.
- GUILLEMARD, Anne-Marie
1989 La naissance du troisième âge. In: MENDRAS, Henri (org). **Les champs de la sociologie française**. Paris: A. Colin.
- LANGÉVIN, Annette
1997 La construction des bornes d'âge. **Revue Française des Affaires Sociales**. Paris, 51 e. année, n° hors série.
- LANGÉVIN, Annette
1987 Les âges successifs aujourd'hui. **Informations Sociales**, n. 8.
- LENOIR, Remi
1979 L'invention du troisième âge (constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse). **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, p. 6-27, mar/avr.
- PRATA, Lizete et al.
1993 Envelhecimento, renda e família no Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 7, n. 4.
- PEIXOTO, Clarice
1998 Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, Myriam M. (org) **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SARDENBERG, Cecília
1997 **In the Backyard of the Factory**: gender, class, power and community in Bahia-Brazil. Tese (Doutorado) - Universidade de Boston, USA.

